UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CRISTIANE AGUIAR

A LEGITIMIDADE DAS LUTAS: Conteúdo e conhecimento da educação física escolar

Campinas
2008

CRISTIANE AGUIAR

A LEGITIMIDADE DAS LUTAS: Conteúdo e conhecimento da educação física escolar

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: José Júlio Gavião de Almeida

Campinas
2008

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

Ag93L

Aguiar, Cristiane.
A legitimidade das lutas: conteúdo e conhecimento da Educação Física escolar / Cristiane Aguiar. -- Campinas, SP: [s.n], 2008.

Orientador: José Júlio Gavião de Almeida.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Luta (Esporte). 2. Educação Física. 3. Escola. I. Almeida, José Júlio Gavião de. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Título em inglês: The legitimacy of martial arts: content and knowledge of physical education at school.
Palavras-chave em inglês (Keywords): Martial arts; Physical Education; School.
Banca Examinadora: José Júlio Gavião de Almeida; Mariana Simões Pimentel Gomes.
Data da defesa: 27/11/2008.

CRISTIANE AGUIAR

A LEGITIMIDADE DAS LUTAS: Conteúdo e conhecimento da educação física escolar

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Cristiane Aguiar aprovado pela Comissão julgadora em: 28/11/2008.

José Júlio Gavião de Almeida
Orientador

Mariana Simões Pimentel Gomes
Banca Examinadora

Campinas
2008

“Existem apenas duas maneiras de ver a vida. Uma é pensar que não existem milagres e a outra é que tudo é um milagre”.

Albert Einstein

Dedicatória

Dedico este trabalho a Deus e também a toda minha família, mas em especial ao meu avô Tito que nos deixou este ano e está fazendo muita falta. "Saudade é uma coisa que não tem medida, é um vazio que a gente só pode preencher com a lembrança."

Irene de Albuquerque

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por cada momento vivido e pelas oportunidades que tive até hoje ao longo de minha vida. Obrigada por ter me ajudado a conquistar tudo o que tenho hoje.

Agradeço a todos que me apoiaram e torceram por todas as vitórias que tive até hoje.

A todas as pessoas que sentem ou sentiram um carinho especial por mim e que de alguma maneira trouxeram momentos felizes e coisas positivas na minha vida.

A minha maravilhosa família, meus pais Eduardo e Emeli e minha irmã Adriana com quem eu sempre pude contar e que sempre me apoiaram e acreditaram em todos os meus sonhos, e que de alguma maneira sonharam comigo e me ajudaram a torná-los possíveis.

Ao meu namorado Leonardo, também educador físico, por todo o respeito, carinho e amor. O seu apoio, e principalmente sua paciência foram fundamentais para que eu conseguisse finalizar este trabalho.

A toda a minha turma da faculdade, 04 D, que fizeram com que esses anos de FEF se tornassem simplesmente inesquecíveis. A cada momento a saudade aumenta e sinto como o tempo passou rápido e como cada dia foi único e especial. Tentei enrolar com mais um ano, mas mesmo assim queria mais...

Ao cardume Nati, Polly e Ká, que apesar de cada peixe estar nadando em um lago diferente, me fizeram criar laços muito fortes de amizade os quais espero que continuem a existir até estarmos bem velhinhas. Meninas, agradeço a vocês todos os momentos maravilhosos e as altas risadas que demos juntas até hoje.

A todos os professores da FEF que foram fundamentais em minha formação tanto pessoal quanto profissional. Saio da faculdade completamente diferente de como entrei e com competência para ser uma excelente profissional.

Ao grande mestre e professor Shao, com quem iniciei minha prática no Jiu-jitsu. Todos os ensinamentos foram de fundamental importância para construir o que penso hoje sobre as lutas.

Ao meu orientador Gavião e a Mari, que me ajudaram e me apoiaram muito no desenvolvimento deste trabalho.

AGUIAR, Cristiane. **A LEGITIMIDADE DAS LUTAS: Conteúdo e conhecimento da educação física escolar.** 2008. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RESUMO

Os caminhos percorridos pela Educação Física escolar brasileira ao longo dos anos foram muitos. Com relação às várias mudanças ocorridas neste campo do conhecimento, podemos citar a introdução de novos conteúdos às aulas de Educação Física. Dentre eles, encontram-se as lutas, objeto de estudo deste trabalho. Buscamos legitimar as lutas como conteúdo e principalmente, como área de conhecimento da Educação Física escolar e entender sua contribuição para a formação do ser humano em sua totalidade. O estudo, com base em uma revisão da literatura, foi realizado através da leitura de livros, artigos, dissertações, bases de dados on line, trabalhos de conclusão de curso, leis e revistas acadêmicas. Entendem-se as lutas como manifestação da cultura corporal, onde cada movimento ou gesto está atrelado a uma história e a vários significados. Porém, este conteúdo não esteve presente na escola desde o princípio. Ele vem conquistando seu espaço aos poucos, principalmente após a década de 80, momento em que houve uma mudança significativa no pensamento da Educação Física escolar no Brasil. A preocupação com o ser humano passa, a partir desse momento, a ultrapassar os componentes orgânicos do corpo. As emoções e os sentimentos tornam-se alvo da atenção dos educadores. O aluno deve vivenciar as mais variadas possibilidades de movimento e aprender a falar a partir de seu corpo. Os gestos devem traduzir sentimentos e opiniões, pois não existem isoladamente. A escola passa a ser o meio para que o aluno aprenda a olhar o mundo com seus próprios olhos, ou seja, a pensá-lo e encará-lo de maneira crítica. Mas, no ocidente, as lutas, em algumas situações, estão relacionadas à agressividade. Entretanto, esta maneira de pensar pode ser minimizada através da transformação pedagógica do conteúdo lutas na escola. O educador é o responsável por escolher os conteúdos de suas aulas, planejar e pensar como irá trabalhá-los. Se ele restringir a aula de lutas às técnicas tradicionais de ataque e defesa ele estará privando seus alunos de vivenciar as lutas em sua plenitude, caso contrário, ele conseguirá atingir resultados muito positivos. O professor não precisa conhecer perfeitamente cada luta e saber realizar cada gesto técnico. As lutas, no ambiente escolar, vão muito além disso, mas algumas escolas e professores ainda não estão preparados para a utilização deste conteúdo nas aulas. Muitos paradigmas da Educação Física escolar devem ser quebrados, e isso só poderá ser feito através de estudos e da vontade de alterar a realidade da Educação Física brasileira, que ainda possui um repertório de conteúdos muito restrito e coloca a realização do gesto técnico como objetivo das aulas.

Palavras-Chaves: lutas; Educação Física; escola

AGUIAR, Cristiane. **The legitimacy of Martial Arts: Content and knowledge of physical education at school.** 2008. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ABSTRACT

The paths traveled by Brazilian Physical Education over the years were many. With respect to the various changes in this field of knowledge, we can cite the introduction of new content to classes of Physical Education. Among them are the martial arts, the object of study of this work. We look legitimate martial arts as content and foremost, as an area of knowledge of school physical education and understand its contribution to the formation of the human being in its entirety. The study, based on a review of literature was conducted through the reading of books, articles, dissertations, databases online, completion of course work, laws and academic journals. Refers to the martial arts as a manifestation of culture body, where each movement or gesture is linked to a history and several meanings. However, this content was not present at school since the beginning. It is conquering its space little by little, especially after the 80s, when there was a significant shift in the thinking of Physical Education school in Brazil. The concern with the human being passes from this moment, to overcome the organic components of the body. The emotions and feelings become the focus of attention of educators. The student must experience the most diverse possibilities for movement and learn to speak from his body. The gestures must translate feelings and opinions, because there are not alone. The school becomes the means by which the student learns to look at the world with their own eyes, to think about it and see it so critical. But in the West, the fights, in some situations, are related to aggression. However, this way of thinking can be minimized through the transformation of the educational content martial arts in school. The educator is responsible for choosing the contents of their lessons, plan and consider how it will work. If they restrict the martial arts class to the traditional techniques of attack and defense he will be depriving their students to experience the martial arts in its fullness, otherwise he will achieve very positive results. The teacher does not need to know well each fight and know each hold technical gesture. The martial arts in school environment, go much further, but some schools and teachers are not yet ready for using this content in class. Many paradigms of Physical Education school must be broken, and this can only be done through studies and the desire to change the reality of the Brazilian Physical Education, which still has a very limited repertoire of content and puts the achievement of the objective of the technical gesture classes.

Keywords: martial arts; Physical Education; school

LISTA DE FIGURAS

Fig. 3.1 - Visão da Educação Física sobre o aluno a partir da década de 80..... 31

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Diferenciação entre luta e briga..... 24

Quadro 2 - Educação Física e seu conteúdo de ensino no tempo..... 30

Quadro 3 - Blocos de conteúdos..... 33

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

EF Educação Física

PCN Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO..... 14

1. INTRODUÇÃO..... 16
1.1 Objetivo..... 17
2.2 Metodologia..... 17

2 O CONTEÚDO LUTAS...... 19
2.1 Breve contexto histórico até os dias atuais..... 19
2.2 Lutas, violência e preconceito..... 20

3 AS LUTAS E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR...... 27
3.1 A Educação Física ao longo dos anos..... 28
3.2 Lutas como conhecimento da Educação Física escolar..... 32
3.3 O professor de Educação Física e o ensino das lutas..... 37

4 IDÉIAS 42

5 DISCUSSÕES..... 46

6 CONCLUSÕES..... 49

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 53

APRESENTAÇÃO

A presença do conteúdo lutas dentro do contexto escolar é um assunto que me despertou interesse desde o momento em que iniciei minha prática no *Jiu-jitsu*[1], quando estava no segundo ano da graduação. Nunca havia se quer pensado em lutas, como recurso pedagógico, antes de começar realmente a lutar e ao mesmo tempo começar a me questionar sobre a minha futura atuação profissional. Pisar em um tatame me fez enxergar um mundo que até então não conhecia.

A disciplina que cursei durante a graduação sobre pedagogia das lutas[2] com o professor Gavião, orientador deste trabalho, também me fez enxergar uma maneira muito divertida, interessante e criativa de dar aula, além de infinitas possibilidades para este conteúdo na escola. Hoje, todos os conteúdos relacionados a esta área me cativam. Todos os assuntos relacionados às lutas geram interesse, inclusive quando penso na utilização deste conteúdo pelos professores na escola.

Durante todo o tempo em que fiquei como aluna na escola, do Ensino Infantil ao Médio, nunca tive a oportunidade de vivenciar este conteúdo dentro da Educação Física (EF). Esta lacuna no conhecimento sobre as lutas dentro deste período, talvez tenha sido fruto da falta de oportunidades que me levassem a experienciar esse conteúdo na escola.

Outro motivo para a escolha deste tema foi a escassez da bibliografia que relaciona as lutas e seu ensino na escola. A área carece de publicações relacionadas a este caminho dentro da EF escolar. E foi a partir destes questionamentos que este assunto surgiu como tema do trabalho.

Buscamos mostrar, através das leituras feitas, que as lutas são um conteúdo e principalmente, uma área de conhecimento relevante na EF escolar.

---

[1] **Jiu-jitsu** ou "arte suave", nasceu na Índia e era praticado por monges budistas. Preocupados com a auto defesa, os monges desenvolveram uma técnica baseada nos princípios do equilíbrio, do sistema de articulação do corpo e das alavancas, evitando o uso da força e de armas. Disponível em: <www.cbjj.com.br>. Acesso em: 01 novembro 2008.

[2] MH312: Pedagogia do Movimento V (Lutas) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Apresentamos autores que as colocam como conteúdo pertinente à área, contribuindo com a formação do aluno como ser humano. Mostramos também que a formação profissional e as experiências vividas pelo próprio professor, podem ter influência sobre o que será trabalhado e oferecido dentro de suas aulas. Grande parte dos profissionais não se preocupa em passar através do ensino, o maior número de conteúdos possíveis e principalmente, pensar que qualquer assunto possa ser abordado nas aulas de EF. Esses conteúdos devem ser elaborados, de maneira a chamar a atenção de cada aluno, individual ou coletivamente. O professor, em alguns casos, não se questiona e não consegue olhar para suas aulas de maneira crítica, como se estivesse de fora. Não é porque o aluno sorri e se diverte que o trabalho realizado pelo professor tem qualidade. Isso faz parte da EF, mas não diz tudo sobre ela.

Com relação à estrutura organizacional deste trabalho, ele foi dividido em cinco partes, onde a primeira trata-se da introdução. A partir da segunda parte entramos diretamente no capítulo que aborda o conteúdo lutas, onde fazemos um breve contexto histórico sobre este assunto. Além disso, abordamos também o preconceito existente quando tentamos levar este conteúdo para dentro da escola, pois sua relação com a violência existe e é construída por grande parte da sociedade, inclusive pelos próprios professores.

Dentro da terceira parte tentamos fazer a relação do conteúdo lutas e a EF escolar, justificando a sua utilização como conteúdo escolar, mostrando resumidamente como esta disciplina foi sendo transformada com o passar do tempo dentro das escolas brasileiras. Também coloco como questão a relação do educador e o ensino das lutas.

Na quarta parte do trabalho trazemos algumas idéias para que os educadores possam visualizar de maneira prática as lutas na EF escolar. Elas ilustram e tornam este trabalho mais claro, além de auxiliar professores que tem a intenção de trazer novos conteúdos às suas aulas.

Finalizamos o trabalho com as discussões e conclusões obtidas através de todas as leituras e análises feitas durante o desenvolvimento do tema proposto.

1 - INTRODUÇÃO

A hegemonia do esporte enquanto conteúdo pedagógico é muito forte há décadas. As modalidades coletivas como futebol, basquete, vôlei e handebol, são ricos conteúdos esportivos, mas, por vezes, as aulas ficam restritas a tais. Em alguns casos são utilizados pelos professores da mesma maneira como se apresentam em nosso mundo moderno: competitivo, excludente e tecnicista, enquanto deveriam ser pensados e transformados pelo professor para atender o objetivo pedagógico que a escola exige, e não servir somente como rola bola[3] e passatempo.

A escola abre suas portas para outros inúmeros conteúdos e não somente as lutas, tema deste trabalho. A dança, o circo, os jogos, a ginástica e as brincadeiras também são recursos muito ricos para a educação. Basta saber utilizá-los. Todos eles estão presentes na vida dos alunos. Afinal, qual é a criança que não adora participar de uma brincadeira nova? Qual delas não gostaria de "jogar um jogo que nunca jogou"? Quem é que não se diverte ao brincar de lutar? Quem é que nunca foi ao circo e não tentou imitar o mágico ou o malabarista? A criança é um ser extremante receptivo às novidades. É principalmente neste momento da vida em que tudo o que é novo nos fascina. Ela carrega uma bagagem cultural infinita que irá aumentando durante o decorrer de sua vida, e que não pode deixar de ser considerada pelo professor, assim como descreve Daolio,

> O profissional de educação física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não liga com a ginástica em si. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano, historicamente definidas como jogo, esporte, dança, luta e ginástica. O que irá definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico pela educação física é a própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto onde se realiza (2004, p. 03).

O professor deve passar a olhar o aluno como ser humano e pensá-lo

[3] **Rola bola** é uma expressão utilizada dentro da área de Educação Física para designar uma aula onde o professor entrega a bola aos alunos e os deixa livres para fazerem o que quiserem. Ou seja, não há planejamento ou qualquer tipo de orientação dado pelo professor.

como tal. Um ser humano formado por músculos e ossos, mas que acima de tudo pensa, sente, é influenciado por aquilo que vive e influencia o mundo ao seu redor. A cultura faz parte de seu corpo e os movimentos que por ele são produzidos também são construídos culturalmente.

As lutas fazem parte do mundo do aluno, e assim como todos os outros movimentos, fazem parte de nossa cultura corporal. Elas podem ser um conteúdo rico para as aulas de EF se bem utilizadas. Por que não utilizá-las para contribuir com a formação de alunos mais humanos e criativos?

A escola deve servir como meio para que o aluno aprenda a olhar o mundo com seus próprios olhos, ou seja, a pensá-lo e encará-lo de maneira crítica. Ela não deve ser apenas um local para passar um período do dia, levar as lições para realizar em casa e trazê-las prontas no dia seguinte para ganhar uma nota. O professor é o principal responsável por aumentar os horizontes de seus alunos e também da própria escola. Será através das oportunidades oferecidas a eles que todos passarão a enxergar o mundo em que vivem de uma maneira própria e subjetiva.

1.1 – Objetivo

O objetivo deste trabalho é legitimar lutas como conteúdo e conhecimento da Educação Física escolar, e entendê-lo como manifestação da cultura corporal.

1.2 – Metodologia

Este trabalho foi realizado com base em uma revisão da literatura relacionada ao assunto estudado: as lutas e a Educação Física escolar. De acordo com Thomas & Nelson (2002, p. 33):

> Uma revisão é uma avaliação crítica de pesquisa recente sobre um tópico em particular. [...] Uma revisão envolve análise, avaliação e integração da

> literatura publicada, levando freqüentemente a importantes conclusões em relação às descobertas da pesquisa até aquele momento.

A análise das publicações deram-se através da leitura de livros, artigos, periódicos, bases de dados *on line*, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, leis e revistas acadêmicas, pesquisados nas bases de dados das bibliotecas das Faculdades de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Estadual Paulista (Unesp) campus Rio Claro e Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sites do Conselho Federal de Educação Física e do Ministério da Educação. Também foram pesquisados periódicos on line como a Revista Nova Escola e Motriz.

Buscamos referenciais teóricos que embasassem nossas opiniões, tentando fazer uma análise crítica relacionando diferentes autores e suas diferentes e peculiares maneiras de pensar.

Como primeiro passo para conhecer melhor as lutas, escolhemos autores que discutissem este conteúdo dentro de sua perspectiva pedagógica, como Alves Junior, Boaventura, Ortega, Lage, Gonçalves Junior, Nagamine e outros mais citados neste trabalho. A partir disso, buscamos autores que estudassem a própria Educação Física escolar como Coletivo de Autores, Soares, Freire, Kunz, Daolio, Betti e outros, e que tivessem um olhar voltado aos diferentes conteúdos possíveis para as aulas.

A partir disso, tentamos fazer relações e formular nossas próprias conclusões e descobertas sobre o conteúdo lutas dentro da EF escolar. Dedicamos um semestre para a leitura de todo o material pesquisado e a realização das análises, e durante um semestre nos dedicamos à elaboração do trabalho escrito e dos detalhes finais.

2 – O CONTEÚDO LUTAS

2.1 – Breve contexto histórico até os dias atuais

Entender como as lutas surgiram se torna um pouco complexo se voltarmos ao passado e tentarmos buscar suas origens, as quais “[...] coincidem com a própria aparição do homem sobre a terra” (PIERNAVIEJA, 1973, p. 15 apud ESPARTERO, 1999, p. 24, tradução nossa). Apesar de ser um fenômeno de origem não datada, sabemos que o homem luta desde o momento em que habitava as cavernas. De acordo com Espartero (1999), eram importantes para a defesa da vida e da integridade física frente às situações que colocavam em risco sua sobrevivência (p.23-24).

O homem enriqueceu esta arte “[...] observando, imitando e associando os combates entre diversos animais [...]” (CURITIBA, 2006, p. 03). Conseguir alimento, fazer parte de um grupo e conquistar territórios, no passado não eram tarefas muito fáceis. O alimento tinha que ser caçado, as terras deveriam ser conquistadas e a segurança de seu grupo tinha que ser defendida. “Em geral a origem das lutas surge como uma forma de autodefesa visando a resolução de situações conflituosas” (ALVES JUNIOR, 2006, p. 01). Nada estava disponível tão facilmente, como acontece atualmente.

Mesmo com todas essas facilidades, as lutas continuaram presentes no cotidiano do homem, mas desta vez através de técnicas específicas para defesa e ataque, muito utilizadas em guerras, principalmente pelos povos do oriente, que desenvolveram diferentes técnicas e estratégias de lutas. Também passaram a ser praticadas como motivo ritualístico ou festivo.

De acordo com Curitiba (2006), “com o tempo a luta adquiriu um caráter desportivo tendo sido adaptadas regras gerais que estipulam o desenvolvimento de competições” (p. 04). Ou seja, algumas delas passaram pelo processo da esportivização e hoje possuem suas confederações e federações e são

disputadas em inúmeras competições. Atualmente, mesmo não sendo utilizadas para fins bélicos, as artes marciais são praticadas por um número muito grande de pessoas por todo o mundo, inclusive no ocidente. Muitos destes combates são extremamente explorados pela mídia em diversos lugares (ALVES JUNIOR, 2006, p. 01), através da exacerbação do sofrimento e da violência, como por exemplo, o Ultimate Fighting Championship[4].

O crescimento do fenômeno esportivo também colocou as lutas dentro dos jogos olímpicos, como por exemplo, o Judô, a Luta Greco Romana, o Tae Kown Do, o Boxe, a Luta Livre Olímpica e a Esgrima.

Outras lutas representam expressões artísticas e tradições culturais do povo brasileiro, como a Capoeira praticada pelos escravos no período colonial e a 'uka-uka', luta tradicional praticada pelos Índios do alto Xingu (ALVES JUNIOR, 2006, p. 08).

Apesar de toda bagagem histórico e cultural de diferentes povos espalhados pelo mundo, ocorre que no ocidente as artes marciais estão perdendo os conceitos filosóficos de suas origens, por conta do forte processo de esportivização, já citado. A criação de inúmeras regras e o sistema de classificação por faixas e de graduações dentro de cada etapa torna visível o processo de ocidentalização dessas artes marciais e que hoje são também chamadas de lutas.

Estamos tão acostumados com as rápidas mudanças que ocorrem no mundo moderno e isso nos faz pensar que precisamos ter sempre uma recompensa ou algo que nos motive a continuar. Por isso, as faixas e graduações foram adotadas. Afinal qual de nós conseguiria esperar anos, sem ganhar nenhuma recompensa, até se tornar um faixa preta? Perderíamos a motivação em pouquíssimo tempo. As pessoas, assim como os jovens, precisam de rápidas mudanças. O que não muda se torna cansativo e logo desistimos.

2.2 Lutas, violência e preconceito

[4] O Ultimate Fighting Championship (UFC) é uma organização americana de MMA (Valetudo ou Full Contact NHB). Lutadores desse esporte usam diferentes modalidades como jiu jitsu, boxe, wrestling, muay thai, karate, e muitas outras artes marciais. Os eventos acontecem em uma espécie de ringue com oito lados, fechados com uma grade.

Todos os conteúdos ensinados na escola, inclusive as lutas, estão inseridos em um contexto social, assim como os alunos e o próprio professor. É impossível vivermos em sociedade e não fazermos parte da cultura produzida por ela. O homem é um ser cultural, com seus costumes, crenças, hábitos e estilos de vida. Cada sociedade, cada país ou até mesmo cada família possui sua própria cultura. Por isso, não podemos falar de uma cultura única e universal e nem mesmo compará-las ou classificá-las. O preconceito nasce no momento em que tomamos nossa própria cultura como referência para julgar e classificar as demais.

Pensando neste assunto, foram criados os Temas Transversais dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que tentam incorporar à escola temas relacionados às questões da Ética, da Pluralidade Cultural, do Meio Ambiente, da Saúde e da Orientação Sexual, que devem caminhar juntos às áreas já existentes e ao trabalho educativo da escola. O preconceito é trabalhado dentro do tema da Pluralidade Cultural onde é relatado que

> O grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural (BRASIL, 1997a, p. 23).

De acordo com Ortega “[...] as lutas no Ocidente estão limitadas a um preconceituoso contexto de agressividade” (1998, p. 02). No Brasil é esta realidade que vivenciamos. “Encontramos diversos relatos, que em muitas ocasiões, lutadores de diversas modalidades de luta se envolveram em conflitos em casa de shows ou em outros locais públicos” (ALVES JUNIOR, 2006, p. 02). A violência está inserida em nossa cultura e está muito presente no dia-a-dia do brasileiro. As pessoas são violentas umas com as outras, no trânsito, nos esportes, na escola e até mesmo dentro da própria família. Basta abrir o jornal para nos depararmos com uma, ou melhor, várias notícias sobre este assunto. O medo é uma constante em nossas vidas. Por isso os professores não podem esquecer que as crianças, que também estão inseridas neste ambiente, acabam carregando para a escola tudo o que elas

vêem fora dela, desde atitudes positivas a negativas. Por isso, cabe ao professor entender que

> O enfoque dado aos esportes no Ocidente criou padrões de competição e de sucesso ética e moralmente questionáveis. O uso de esteróides anabolizantes tornou-se comum em todos os países. A violência e a trapaça refletem uma postura de 'vencer a qualquer custo'. A obrigação da vitória tem um efeito devastador sobre o desempenho esportivo, e essas atitudes são transferidas para os negócios e a vida afetiva (HUANG & LINCH, 1993 apud ORTEGA, 1998, p. 09).

O próprio universo elaborado para as crianças os coloca em contato permanente com a violência. De acordo com Viviani e Schwartz (2005), a agressividade pode atuar de maneira subliminar, através de programas filmes e jogos eletrônicos que contém violência exacerbada, podendo estimular o comportamento agressivo.

Encontramos durante boa parte da programação da TV, desenhos animados com super heróis e seus poderes, que na maioria das vezes sabem golpes de determinadas artes marciais e tentam vencer o oponente através da força. Isso fica claro quando pensamos nos jogos de vídeo game que representam batalhas sangrentas, com inúmeros golpes deferidos contra o adversário. Sem contar os jogos eletrônicos[5] onde o controle possui o mesmo formato que uma arma e é utilizado pela criança para atirar nos personagens.

A indústria de brinquedos e a mídia juntas, apresentam todos os anos uma gama maior de opções que estimulam a violência, como armas e espadas, cada vez mais equipados, comprados até mesmo pelos próprios pais que acabam ignorando o potencial violento que pode ser gerado em seus filhos. De acordo com Munarim (2004) "[...] a intervenção dos pais e da escola na discussão das regras destes produtos contribuiria para uma noção mais crítica da criança sobre os conteúdos que chegam de 'brinde' com o brinquedo". Para Oliveira (1986, p. 35-36

[5] Há pouco tempo foi lançado um jogo de vídeo game interativo com o título "Martial Arts Capoeira", onde os próprios personagens do game nos remetem à violência, pois suas feições são agressivas. Durante o jogo, os personagens acertam golpes que chegam a arrancar sangue do adversário. Além disso, neste jogo, a relação da capoeira com o seu contexto histórico-cultural é um pouco deturpada, pois os cenários em que os personagens lutam, representam diferentes cenários ao redor do mundo, como por exemplo Paris e Egito, e estão longe de mostrarem cenários brasileiros, onde originou-se a Capoeira. Disponível em: <http://jogos.uol.com.br>. Acesso em: 24/11/2008.

apud MUNARIM, 2004) os brinquedos não são somente objetos em si. São idealizados e confeccionados por adultos, e podem através deles transmitirem ideologias.

Por isso, quando buscamos trabalhar o conteúdo das lutas dentro das aulas de EF, levando em consideração todos esses fatores culturais existentes, alguns professores se deparam com a seguinte pergunta: Ao trazer as lutas para dentro das aulas, estarei incentivando a violência e a agressividade em meus alunos?

Essa pergunta tem sua razão de existir, pois assim como todas as pessoas, o professor também é um ser cultural que vive no mesmo mundo violento que o aluno.

O educador é o responsável por escolher os conteúdos de suas aulas, planejar e pensar como irá trabalhá-los, ou seja, definir qual será o objetivo das aulas e as estratégias utilizadas. É ele quem deve olhar de maneira crítica para o que será ensinado e não simplesmente reproduzi-lo como as crianças encontram fora da sala de aula. Não é porque os alunos brigam entre si, que ao ensinarmos lutas na EF estaremos incentivando-as a brigarem. Tudo irá depender de como o próprio professor enxerga as lutas, como algo violento ou como um recurso educacional.

Se o professor restringir a aula de lutas às técnicas tradicionais de ataque e defesa ele poderá incentivar a violência, mas isto não significa que necessariamente o ensino tecnicista a incentive. De acordo com ORTEGA (1998, p. 32), “[...] se ele contextualiza sua prática alertando para seus pontos positivos e alertando quanto a responsabilidade de sua prática ele não estará incentivando a violência”. Sabemos que o aprendizado dessas técnicas faz parte das lutas, pois elas não se dissociam. Entretanto, não são o único recurso a ser explorado pelos professores.

Em um estudo realizado por MENDES (2007) em uma Escola de Tempo Integral (ETI) no município de Campinas, o professor de EF da escola estudada utilizou o Sumô em duas de suas aulas. Através de sua experiência na escola, o autor relata o que pensou a princípio sobre a utilização das lutas no contexto em que estava e os resultados desta experiência:

> Durante as aulas que acompanhei deste professor, duas delas me chamaram bastante atenção, nas quais foi trabalhado o conteúdo de lutas. Imediatamente após que tomei ciência do tema, não pude deixar de conceber uma idéia preconceituosa, a partir do que já conhecia daquela turma, principalmente se tratando das agressões que freqüentemente ocorriam, inferindo, portanto, que aquela possível aula não ocorreria. Acontece que, apesar de se tratar de aulas sobre o sumô[6] na qual havia uma grande exposição dos alunos, uma vez que, não havendo uma divisão de categorias por peso ou até mesmo por sexo, competiam alunos de tamanho, peso e idade bastantes discrepantes um dos outros. No entanto, o que gostaria de considerar destas aulas se deve ao fato de que o respeito às regras e ao outro, que outrora foi absolutamente negligenciado entre estes indivíduos, agora se mostrava presente de tal maneira nunca antes presenciada (MENDES, 2007, p. 54).

Com este exemplo podemos ter claro que o conteúdo lutas não é sinônimo de briga. Quando brigamos, encaramos o outro como inimigo e não como adversário. Dentro das aulas de EF devemos enxergar o lado pedagógico da luta que

> [...] pode ser encarada como sendo 'uma expressão corporal, carregada de significado, em harmônico diálogo com uma outra força de oposição (física ou não) buscando transpor as barreiras por ela oferecidas.' Fora destas condições, estaremos tratando de BRIGA (ORTEGA, 1998, p. 18).

Abaixo segue um quadro proposto por Ortega mostrando as diferenças entre luta e briga.

QUADRO 1: Diferenciação entre Luta e Briga

Ordem Equilíbrio Harmonia **LUTA**	Combate / Pugne / Peleja Batalha / Contenda / Disputa Torneio / Competição Certame / Duelo	Desordem Desequilíbrio Desarmonia **BRIGA**

Fonte: ORTEGA, 1998, p. 18.

Podemos notar claramente que a luta está relacionada a algo que

[6] Luta japonesa que acontece dentro de um ringue circular no qual dois atletas se enfrentam no intuito de fazer com que seu adversário toque o chão com alguma outra parte do corpo, exceto os pés, ou pise fora da linha do ringue. Disponível em: <www.priberam.pt> .Acesso em: 15 agosto 2007.

podemos controlar e temos plena consciência do que estamos fazendo, já a situação de briga, foge totalmente de nosso controle, representando assim, cenas de violência, em alguns casos extremamente brutais. A palavra combate, por exemplo, está no meio do quadro e pode ter relação tanto com a luta ou com a briga. O que definirá o lado em que melhor se enquadra será a intenção, os objetivos e os sentimentos de quem estiver neste combate.

Mas a relação existente entre lutas e briga na nossa sociedade ainda é muito forte. A quebra deste paradigma deve ser feita aos poucos, através da conscientização e também da formação dos professores de EF. Por isso, temos que tomar certos cuidados e nos prepararmos muito bem ao utilizarmos determinadas lutas culturalmente relacionadas à violência. De acordo com Ramalho (2002) “é claro que existem algumas modalidades questionáveis. Fica difícil enxergar um conteúdo educativo no boxe, no jiu-jitsu ou no chamado ‘vale-tudo’, por exemplo. Isso não significa, porém, que você deva ignorá-las” (p. 03).

Além de não ignorá-las, como diz a autora, devemos desconstruir todo o preconceito que temos com relação a determinadas modalidades e principalmente buscar entender por que esta forma de pensamento foi construída por nós mesmos ou pela sociedade em que vivemos. Será que o Jiu-jitsu e o Boxe, citados anteriormente, são realmente modalidades violentas? Ou serão os contextos onde elas estão inseridas que as tornam violentas?

São exatamente estas lutas (Jiu-jitsu, Boxe e ‘Vale-Tudo’), até pelas questões que as cercam, que devemos trazer para nossas aulas. Pois é desta maneira que os alunos as enxergam fora da escola: lutas violentas mostradas em revistas, programas de TV e nos noticiários. Mas é muito importante ressaltar que “a agressão não está no golpe deferido pelo praticante, mas em sua intenção” (ORTEGA, 1998, p. 20). Podemos utilizar os mesmos golpes do Jiu-Jitsu em diversos contextos, desde situações violentas até situações de ensino-aprendizagem. Assim como no futebol, onde um chute pode ter como meta a bola e conseqüentemente o gol, também poderá ter a intenção de atingir um jogador do time adversário. Cada um corresponde a um contexto. Por exemplo,

> [...] o Judô se mal utilizado, pode estimular a vaidade pessoal e a do grupo, o desejo ambicioso de vitória e o ódio aos rivais, um espírito corporativo de intolerância e um desdém por aquelas pessoas que se encontram mais além de um certo rol arbitrariamente selecionado (CARRATALÁ, V.; CARRATALÁ, E., 1999, p. 178, tradução nossa).

Para Alves Junior (2006), "[...] devemos ter consciência que qualquer atividade física esportiva ou não é nem nociva nem virtuosa em si, ela transforma-se segundo o contexto. A luta na escola ou em qualquer outro local torna-se que dela a fazemos" (p.07). O importante é ter definido como e para quê estamos utilizando as lutas. Temos que decidir qual caminho queremos seguir, caso contrário os resultados obtidos podem ficar longe de serem os pretendidos.

3 - AS LUTAS E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

As lutas são um conteúdo legítimo da Educação Física escolar. Mas por que algumas escolas não as utilizam? Podemos trazer para nosso contexto as reflexões feitas por Brousse; Villamón e Mollina (1999, p. 188) sobre a não utilização das atividades de luta na EF. Em primeiro lugar colocam como empecilho a falta de formação dos professores neste tipo de disciplina, além dos que nunca praticaram as atividades de luta, ou os que praticaram somente dentro do modelo técnico-desportivo, encontrando dificuldades para traduzir este modelo para as necessidades educativas. Em segundo lugar, citam a falta de instalações específicas para a prática e por último a escassez de trabalhos que orientem a elaboração de propostas curriculares para um modelo educativo.

As lutas nem sempre foram um conteúdo trabalhado na EF escolar. Introduzido recentemente nas escolas, ou pelo menos em parte delas, ainda são poucos os professores que se arriscam a colocá-las dentro do seu planejamento de aula.

Mas isso também ocorre com outros conteúdos, como por exemplo, a dança. Se perguntarmos aos nossos pais ou avós se algum dia tiveram uma aula sobre lutas ou dança no colégio, a resposta, na maioria dos casos, seria negativa. O conteúdo das ginásticas e os esportes coletivos eram predominantes até alguns anos atrás, e ainda hoje são em alguns colégios. Mas atualmente, encontrar crianças que vivenciaram ou vivenciam as lutas dentro da escola, já não é mais uma realidade tão difícil assim de ser encontrada. A EF escolar mudou muito nas últimas décadas. Para isso veremos as alterações ocorridas ao longo dos anos e como o conteúdo lutas tem conquistado seu espaço na escola.

3.1- A Educação Física ao longo dos anos

A Educação Física chegou ao país no ano de 1851, através da Reforma Couto Ferraz[7]. Durante as primeiras décadas do século XX a ginástica surge nas escolas para promover a saúde e exercitar o corpo, com o objetivo de torná-lo forte e robusto. As crianças eram ensinadas, ou disciplinadas, desde cedo a valorizar o corpo e exercitá-lo para fugir das doenças e epidemias que poderiam causar a morte.

A EF, assim como as outras disciplinas escolares,

> [...] manteve relações profundas com o pensamento político-ideológico de cada época vivida. Alguns exemplos seriam as tendências eugenista, higienista e esportivista que foram reflexos do pensamento do início do século XX, da década de 30 e 70, respectivamente (IÓRIO; DARIDO, 2005, p. 137).

Tendências como estas que fizeram com que a EF escolar espelhasse o pensamento de que os corpos deveriam ser preparados e disciplinados para a maior produtividade no trabalho. Buscava-se um corpo saudável, perfeito e livre de vícios, pronto para enfrentar a dura rotina nas fábricas, frutos do mundo capitalista. Por isso, como afirma Soares (2004, p. 11), "a EF entrou como um dos instrumentos capazes de promover uma assepsia social, de viabilizar esta educação higiênica e de moralizar os hábitos".

Mais tarde os esportes conseguem seu lugar de destaque nas aulas. De acordo com Bettil (1995, p. 26):

> A esportivização inicia-se na década de 50, com o Método Desportivo Generalizado, atingindo seu auge a partir da década de 70, onde o binômio mais utilizado foi Educação Física/Esportes, chegando o governo a subordinar a EF escolar ao esporte.

---

[7] A Educação Física Escolar brasileira teve início oficialmente em 1851, com a Reforma Couto Ferraz aplicada nas escolas do Rio de Janeiro. *...Quando deputado, Luiz Pedreira do Couto Ferraz apresentou à Assembléia as bases para a reforma do ensino primário e secundário no Município da Corte. Três anos após, em 1854, já como Ministro do Império, expediu sua regulamentação, e entre as matérias a serem obrigatoriamente ministradas no primário estava a ginástica, e no secundário, a dança (Cantarino Filho in Betti, 1991:63).*
BETTI, Mauro. *Educação Física e Sociedade.* São Paulo: Editora Movimento, 1991.184p.
CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil:* a história que não se conta. 4ed-Campinas, São Paulo: Papirus, 1994. 225p

Este conteúdo também trouxe diretamente para dentro da escola os ideais políticos da época. Totalmente centrado no modelo de competições, imposto pelo mundo capitalista e a grande concorrência no mercado de trabalho, o esporte era totalmente tecnicista e excludente. Os alunos que não soubessem realizar a técnica de maneira eficaz e perfeita eram colocados de lado durante as aulas. O autoritarismo, a obediência, a docilidade e a submissão eram valorizados nas aulas, refletindo a sociedade militarizada que o Brasil era neste período. O ideal olímpico, e conseqüentemente, o máximo rendimento, cercavam a EF.

De acordo com Boaventura (2003, p. 06), "[...] a relação professor-aluno assemelhava-se à relação treinador-atleta". O aluno tinha a função de fornecer resultados físicos e ao professor cabia a função de cobrar esses resultados. Os militares fizeram crescer a força do patriotismo, preparando as pessoas para representarem o país no esporte e defender sua bandeira com todas as forças. Mas este modelo acabou não se mostrando eficiente, uma vez que o Brasil não se tornou uma potência Olímpica e esportiva e muito menos mostrou ter um método eficiente para a formação de atletas.

Até a década de 1980 a EF era uma disciplina essencialmente prática. Mas, a partir deste momento, começaram a surgir inúmeras mudanças no pensamento, discussões e reflexões sobre a área. "Um novo cenário tenta romper com o modelo esportivista-biologicista até então estabelecido" (LAGE, GONÇALVES JUNIOR, NAGAMINE, 2007, p.118). Podemos notar esta mudança se observarmos o quadro abaixo que representa o movimento do pensamento da EF escolar:

QUADRO 2: O MOVIMENTO DO PENSAMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR A EDUCAÇÃO FÍSICA E SEU CONTEÚDO DE ENSINO NO TEMPO

MOVIMENTO DO PENSAMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA	CRONOLOGIA	CONTEÚDO A SER ENSINADO NA ESCOLA
1- MOVIMENTO GINÁSTICO EUROPEU	SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX	GINÁSTICA QUE COMPREENDIA EXERCÍCIOS MILITARES; JOGOS; DANÇA; ESGRIMA; EQUITAÇÃO; CANTO
2- MOVIMENTO ESPORTIVO	AFIRMA-SE A PARTIR DE 1940	ESPORTE – HÁ AQUI UMA HEGEMONIZAÇÃO DO ESPORTE NO CONTEÚDO DE ENSINO
3- PISICOMOTRICIDADE	AFIRMA-SE A PARTIR DOS ANOS 70 ATÉ OS DIAS DE HOJE	CONDUTAS MOTORAS
4- CULTURA CORPORAL CULTURA FÍSICA CULTURA DE MOVIMENTO	TEM INÍCIO NO DECORRER DA DÉCADA DE 80 ATÉ NOSSOS DIAS	GINÁSTICA, ESPORTE, JOGO, DANÇA, LUTAS, CAPOEIRA...

Fonte: SOARES,1996, p. 08.

Após anos de identificação do significado da disciplina EF com o esporte, podemos ver claramente a mudança que surge nesta área em meados dos anos 80. Neste momento surgem novas discussões pedagógicas na EF e uma vasta produção literária. Passamos a contar com as ciências sociais e humanas, que ajudaram a entender o corpo a partir de todas as suas dimensões, e não somente o físico valorizado até então. A EF humaniza-se. Ela passa a trabalhar com o ser humano, pensando-o e compreendendo-o, deixando de enxergá-lo como uma máquina para ao trabalho. Os paradigmas que estruturavam a perspectiva biologicista e mecanicista da EF, que objetivavam o adestramento físico, a disciplina, a obediência e o máximo rendimento foram quebrados. Passou-se a desenhar um novo papel para ela e houve a necessidade de um campo acadêmico. O professor começou a ir além do ensino do gesto motor e da técnica e a preocupar-se mais com a formação do cidadão e de seu olhar crítico perante as questões que o cercavam. A

figura abaixo mostra esta nova maneira de enxergar o aluno:

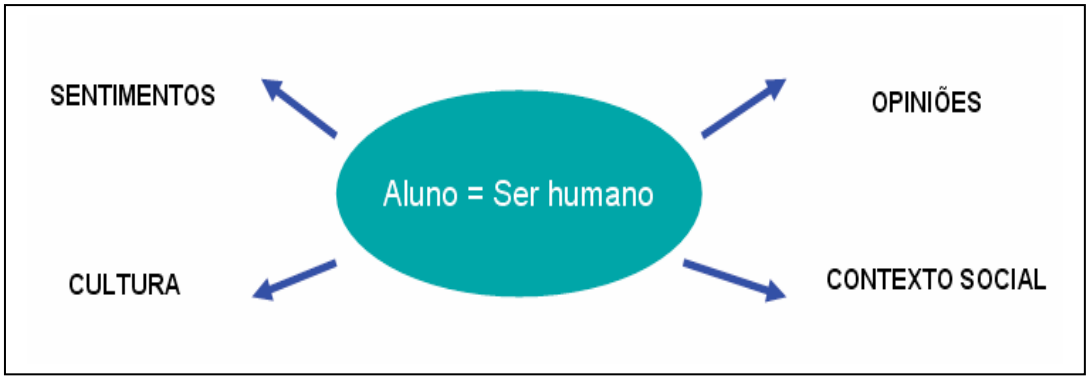

Fig. 3.1 – Visão da Educação Física sobre o aluno a partir da década de 80.

Todas as questões que envolviam o homem passaram a ser objeto de estudo, inclusive a cultura discutida por Daolio, que em um de seus artigos considera

> [...] a Educação Física como parte da cultura humana. Ou seja, ela se constitui numa área de conhecimento que estuda e atua sobre um conjunto de práticas ligadas ao corpo e ao movimento criadas pelo homem ao longo de sua história: os jogos, as ginásticas, **as lutas**, as danças e os esportes (DAOLIO, 1996, p. 40, grifo nosso).

A cultura se tornou um dos campos de estudos dos profissionais de EF. Afinal é ela que determina os movimentos que cada pessoa realiza, ou seja, as práticas corporais estão intimamente ligadas à cultura.

Para o Coletivo de Autores (1992) “a EF brasileira precisa, assim, resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar com a sua historicidade, não desencarná-la do movimento cultural e político que a gerou” (p. 76). Praticamos capoeira, por exemplo, pois foi criada pelos escravos do Brasil, marcada por raízes culturais africanas e que traz consigo parte da história brasileira, e mesmo assim, a maneira como a Capoeira é praticada ou ensinada difere em cada região[8].

As lutas já foram citadas por autores com produção relevante na EF

[8] Existem muitos tipos de capoeira. Os dois principais são a Capoeira Angola e a Capoeira Regional. Disponível em: <www.capoeiradobrasil.com.br>. Acesso em: 28/10/2008.

escolar, mostrando a sua importância e contribuição para as aulas. Daolio diz:

> Como estudioso da cultura, considerando a EF como disciplina escolar e a escola como espaço e tempo de desenvolver cultura, entendo como tarefa precípua da área garantir ao aluno a apreensão de conteúdos culturais, no caso, relacionados à dimensão corporal: jogo, ginástica, esporte, dança, **luta**.(2004, p. 21, grifo nosso).

Assim como Daolio, o Coletivo de Autores ao compreender a EF, também a coloca como "matéria escolar que trata, pedagogicamente, temas da cultura corporal, ou seja, os jogos, a ginástica, **as lutas**, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros" (1992, p. 18, grifo nosso). Neste mesmo livro as palavras conteúdo e conhecimento são consideradas sinônimos. Ou seja, as lutas são representadas como conhecimento da cultura corporal, onde as expressões corporais são consideradas como forma de linguagem, pois cada movimento traz consigo uma série de significados. O corpo fala através dos movimentos e gestos. Também é importante entender que a cultura possui sua história. Por isso,

> É preciso que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando etc. Todas essas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 39).

Estudar EF deixou de ser o estudo do corpo, tratado apenas como material orgânico, para ser o estudo do ser humano, que vai muito além das perspectivas biológicas e está envolto por pensamentos, sentimentos, opiniões, angústias, necessidades, alegrias, etc. O corpo é capaz de expor tudo isso através dos movimentos.

3.2 – Lutas como conhecimento da Educação Física Escolar

No ano de 1997, o Ministério da Educação e do Desporto criou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), inspirados no modelo educacional

espanhol, para serem utilizados como referência tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. “Eles devem servir como base e discussão para a elaboração do projeto pedagógico e do planejamento de ensino dos professores” (BOAVENTURA, 2003, p. 10). Dentre os principais objetivos, podemos citar a formação de um cidadão crítico e responsável; conhecer e valorizar o patrimônio sociocultural brasileiro; utilizar as diferentes linguagens; interpretar e usufruir das produções culturais do país e fazer o aluno desenvolver diferentes capacidades.

Os conteúdos escolhidos e citados nos PCNs a serem trabalhados dentro da EF foram os jogos, os esportes, as lutas, as ginásticas e as danças (BRASIL, 1997b). Para que todos eles pudessem ser ensinados, foram organizados em 3 blocos de conteúdos, os quais devem ser desenvolvidos ao longo de todo o ensino fundamental. Estes blocos possuem conteúdos em comum entre si, mas cada um com sua especificidade como exemplifica o quadro:

QUADRO 3: BLOCOS DE CONTEÚDOS

Esportes, jogos, lutas e ginásticas	**Atividades rítmicas e expressivas**
Conhecimentos sobre o corpo	

Fonte: BRASIL, 1997b, p. 35.

O bloco onde são colocadas as lutas, conteúdo ao qual dedico este trabalho, as consideram atividades vinculadas às ações de ataque e defesa, com o objetivo de negar completamente atitudes violentas e desleais, geralmente vinculadas a este conteúdo por conta de uma série de fatores culturais que permeiam nossa sociedade e conseqüentemente a escola que nela se insere. Dentro deste conteúdo possível e atrativo para ser desenvolvido nas aulas, os PCNs destacam algumas ações pedagógicas, ou seja, brincadeiras como cabo-de-guerra e o braço-de-ferro e certas práticas, como por exemplo, o Judô, a Capoeira e o Karatê. Questões relacionadas ao ensino da história, origem e características das lutas e determinadas artes marciais são colocadas como formas de aprendizagem deste determinado

conteúdo na escola.

> Acredita-se que com a leitura destes parâmetros, professores de educação física poderão em suas aulas abordar o ensino das Lutas de maneira não centralizada nos gestos técnicos, o que legitima as Lutas como conhecimento da Educação Física no momento em que a formação do professor numa modalidade de luta específica não é exigida (GOMES, 2008, pg. 61).

Trabalhando as lutas através de diferentes possibilidades, o professor terá mais chances de despertar o interesse e a curiosidade de um número maior de alunos, pois o interesse de cada um surge de maneiras diferentes. Assim como aconteceria com os esportes. Se todas as modalidades fossem vivenciadas, como por exemplo, o atletismo, o tênis, a natação e outros mais, além dos sempre trabalhados: futebol, basquete, vôlei e handebol, uma quantidade maior de alunos se interessaria pelos conteúdos oferecidos em aula e talvez até os praticassem fora dela. Tudo o que é novo desperta interesse, chama a atenção e aguça a curiosidade. Mas por que, mesmo os professores percebendo os alunos desmotivados durante as aulas, continuam trazendo os mesmos conteúdos da mesma maneira ao longo dos anos? Será que aqueles alunos que nunca querem participar das aulas não nos têm algo a dizer?

Além dos PCN, o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) através da resolução n° 046/2002 que dispõe sobre a Intervenção do Profissional de Educação Física também faz referência às lutas como conhecimento pertinente a este profissional, pois afirma que

> O Profissional de Educação Física é especialista em atividades físicas, nas suas diversas manifestações - ginásticas, exercícios físicos, desportos, jogos, **lutas, capoeira, artes marciais**, danças, atividades rítmicas, expressivas e acrobáticas, musculação, lazer, recreação, reabilitação, ergonomia, relaxamento corporal, ioga, exercícios compensatórios à atividade laboral e do cotidiano e outras práticas corporais, tendo como propósito prestar serviços que favoreçam o desenvolvimento da educação e da saúde, contribuindo para a capacitação e/ou restabelecimento de níveis adequados de desempenho e condicionamento fisiocorporal dos seus beneficiários, visando à consecução do bem-estar e da qualidade de vida, da consciência, da expressão e estética do movimento, da prevenção de doenças, de acidentes, de problemas posturais, da compensação de distúrbios funcionais, contribuindo ainda, para a consecução da autonomia, da auto-estima, da cooperação, da solidariedade, da integração, da cidadania, das relações sociais e a preservação do meio ambiente,

> observados os preceitos de responsabilidade, segurança, qualidade técnica e ética no atendimento individual e coletivo (CONFEF, 2002, Art. 1º, grifo meu).

Discordo em parte desta resolução, pois considerarmos que um professor de EF seja especialista em todas estas manifestações, das chamadas atividades corporais, é uma afirmação um pouco incoerente. Nenhum educador finaliza sua graduação preparado para dar aulas de dança, lutas, ginástica, musculação, relaxamento e todas as demais áreas. Essa preparação ocorre com o tempo, através de estudos, especializações etc. A própria graduação não é capaz de oferecer todo esse conhecimento em tão pouco tempo. Dizer que o profissional de EF é especialista em lutas, capoeira e artes marciais, é o mesmo que dizer que ele é especialista em todo o universo das lutas, assim como nos demais universos, como, por exemplo, as danças que nos trazem infinitas possibilidades de práticas.

Voltando a falar de lutas. Afinal de qual delas estamos falando? Quando falamos em lutas, logo nos vêm à cabeça determinadas modalidades, muito presentes em nosso cotidiano, como o Judô, o Karatê, o Jiu-Jitsu, o Boxe etc. Mas como seria possível um professor trabalhar cada uma delas individualmente em suas aulas? Não haveria tempo hábil para que todas essas modalidades, além de todos os demais conteúdos pertinentes à área, fossem tratados de maneira específica. O objetivo da escola não é treinar um aluno em determinada luta, para competir ou executar um gesto técnico de maneira perfeita. Não cabe ao professor passar aos alunos as regras e obrigá-los a segui-las. Essa forma de enxergar a educação já não cabe mais ao universo escolar. O tecnicismo e a visão biologicista, ainda que sejam linhas de pensamento possíveis, eram formas predominantes no ensino utilizadas há alguns anos. Hoje já existem novos estudos e novas maneiras de enxergar a EF escolar. Temos que entender que

> Não basta a reprodução de gestos estereotipados. Com vistas a automatizá-los e reproduzi-los. É necessário que o aluno se aproprie do processo de construção de conhecimentos relativos ao corpo e ao movimento e construa uma possibilidade autônoma de utilização de seu potencial gestual (BRASIL, 1997b, p. 27).

O aluno não é mais visto somente como um corpo que deva ser o

mais saudável e o mais perfeito possível. Ele é visto como ser humano, como corpo e mente, formando um só conjunto onde um não existe sem o outro. Não há como trabalhá-los separadamente.

Um aluno que tenha lutas na escola, não deve aprender golpes perfeitos, que não ensinem nada além de gestos técnicos. Afinal,

> Durante uma luta, os gestos técnicos são realizados em função das situações nas quais se encontram os lutadores. Tais situações não podem ser compreendidas através de uma visão mecanicista que fragmente as lutas em chutes, socos, projeções etc. e que apresente tais movimentos de forma alheia às situações que o legitimam (NAKAMOTO, 2005, p.17).

O aluno não deve sair da escola faixa preta. Isso cabe às instituições de educação não formal, voltadas ao treinamento, ensiná-los ou prepará-los para brigar na rua, como acontece em alguns locais. Para GOMES,

> Pensar nas Lutas como instrumento pedagógico e atrelado ao desenvolvimento global, nos dias atuais, é pensar em um fenômeno a ser estudado, agregando-lhe valores que transcendem objetivos de cunho estritamente terminológico como Arte Marcial, Esporte de Combate, Duelo, Enfrentamento. As Lutas carregam tudo isso consigo e é preciso considerar a origem, o desenvolvimento e as tendências que nortearam e norteiam as Lutas como fenômeno sócio-cultural. Assim sendo, cada aluno, cada professor, espectador ou praticante vai designar a elas o significado que mais lhes faz sentido (2008, pg. 61).

É exatamente desta maneira que as lutas devem ser pensadas na escola. Quando trazemos qualquer tipo de conteúdo para ser trabalhado dentro do ambiente escolar, ou seja, para utilizá-lo como recurso pedagógico, não podemos tratar da mesma maneira como seria tratado em locais em que a ênfase é dada ao treinamento. Kunz ao estudar o fenômeno esportivo na escola trata a questão da transformação dos conteúdos para serem utilizados como recurso pedagógico:

> [...] considerando ainda que o esporte é uma das objetivações culturais expressas pelo movimento humano mais conhecidas e mais admiradas, até mesmo entre as mais diferentes manifestações culturais existentes, torna-se imperativo uma transformação didático-pedagógica para torná-lo uma realidade educacional [...] (KUNZ, 2003, p. 126).

Assim como devemos transformar o esporte e pedagogizá-lo para

trazermos às aulas, devemos fazer o mesmo em relação às lutas, ou seja, adequar e pensá-las, trazendo-as para um contexto apropriado e nos atentarmos para as suas possíveis realizações como conteúdo da EF.

> As lutas requerem um trato pedagógico cuidadoso, pois vão além das técnicas e estratégias, ou seja, da dimensão corporal visível da luta. Os fundamentos englobam também subjetividades, respeito, ética e mútuo desenvolvimento tanto individual quanto social (SÃO LUIZ, 2006).

As aulas devem ser pensadas a partir do aluno e para o aluno. “Introduzir os indivíduos no universo da cultura corporal ou de movimento de forma crítica é tarefa da escola e especificamente da EF” (BRACHT, 1999, p. 83). Um professor, seja ele de qualquer disciplina, não deve selecionar conteúdos que não estejam dentro de um planejamento de aula e simplesmente transferi-los aos alunos sem antes ter um objetivo.

3.3 – O professor de Educação Física e o ensino das lutas.

A hegemonia do esporte nas aulas de EF ainda é muito forte. Os alunos começam o ano letivo perguntando quando será o “dia do futebol”. Ora, mas será que os alunos só querem saber dos esportes porque só gostam deste tipo de conteúdo, ou por que nunca puderam conhecer outros durante as aulas? Nós só conseguimos gostar de algo que nos tenha sido apresentado anteriormente. Não conseguimos, por exemplo, dizer se gostamos de determinado filme sem tê-lo assistido, ou de determinada culinária sem tê-la provado. Por isso, como um aluno pedirá ao professor que realize uma aula voltada ao conteúdo das lutas se ele nunca teve a oportunidade de vivenciá-lo na escola?

Os alunos sabem da existência desses outros conteúdos, mas a cultura hegemônica do esporte não os faz imaginar que eles também possam ser utilizados pelo professor. Por isso, “(...) é fundamental que os educadores não só respeitem esses saberes dos educandos, mas que discutam com os educandos a razão de ser

de algum desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos" (FREIRE, 1997). Os alunos não conseguem imaginar que qualquer assunto visto fora da escola, possa ser trazido para dentro de sala de aula. Mas em uma pesquisa desenvolvida em oito escolas públicas e particulares (BETTI, 1992) a maioria dos alunos afirmaram em suas respostas que gostariam de aprender outros conteúdos.

Por isso, concordamos com a fala de Soares (1996) que afirma que

> Não se desafia a inteligência do aluno com a repetição do que ele já sabe ou com a reprodução superficial do que os mídia oferecem, ou ainda, com o pronto atendimento do desejo da criança e do jovem. O desejo também é construído socialmente... gosta-se, em princípio, do que se conhece. Rejeita-se em princípio, o desconhecido, o difícil, o elaborado (1996, p. 06).

Cabe ao professor criar oportunidades de aprendizado e de novas experiências, além de derrubar a barreira que existe frente ao novo, ao diferente. Cabe a ele fazer as crianças aceitarem novas propostas na escola, tornando-os futuros adultos mais flexíveis diante das mudanças.

Quando um professor mostra para seus alunos que ele se preocupa em pensar e preparar a aula, isso faz o aluno se sentir querido. Um professor que não faz planejamentos e que não prepara suas aulas faz o aluno sentir uma sensação de abandono. Em alguns casos, existem alunos que já sofrem esse tipo de abandono fora da escola, por exemplo, com pais ausentes. Um professor que se preocupa e trata as pessoas com respeito, também será respeitado e seu trabalho será reconhecido, e conseqüentemente os conteúdos propostos em aula serão muito bem recebidos por seus alunos e também pela escola. Preparar a aula com carinho e dedicação é acima de tudo respeitar o aluno.

Outro obstáculo que contribui para a não utilização das lutas como recurso para o ensino e educação, é a resistência dos próprios professores. Trazer um conteúdo diferente do tão utilizado e repetitivo esporte demanda tempo, estudos e vontade. Eles não passarão a utilizar as lutas de uma hora para outra, pois antes precisam entender, estudar e criar possibilidades de ensino a partir deste conteúdo. Mas boa parte dos professores que já lecionam há anos, não se sente motivada a mudar. Talvez até porque a própria escola não os incentiva. Segundo autores,

> [...] falta oportunidade para os educandos conhecerem outras práticas corporais, tais como as danças, os jogos, as lutas e a ginástica, bem como há resistência de alguns professores em face de novos conteúdos, a novas propostas de ensino e em repensar o esporte na escola (LAGE; GONÇALVES JUNIOR; NAGAMINE, 2007, p. 117 apud BETTI, 1999).

O professor deve estar aberto a novas propostas e também às idéias que os próprios alunos apresentam. Ele deve enxergar o que o aluno deseja aprender, e não ficar preso somente ao que ele mesmo gostaria de ensinar. É muito cômodo repetir todos os anos as mesmas aulas. Difícil é fazer aulas diferentes todos os anos e o ano todo. Temos que considerar também que

> Talvez o receio de mudar ocorra pela insegurança dos professores em relação a conteúdos que não dominam, e desta forma trabalham com o que possuem mais afinidade. Ou por acreditarem que a escola não possui nem espaço, nem material apropriado, ou ainda por acharem que os alunos não gostariam de aprender outros conteúdos (BETTI, 1999, p. 28).

Ocorre que estas restrições impostas pelos professores dificultam seu trabalho. É muito mais fácil colocarmos os problemas que restringem nossa prática em outros pontos que não sejam nós mesmos. Colocar a resolução dos problemas como nossa responsabilidade exige muita coragem. Mas o problema não é somente intrínseco ao professor. Alguns cursos são responsáveis pela formação de profissionais não tão bem qualificados, pois

> Ainda são raros os cursos de Educação Física que possuem em sua grade curricular alguma disciplina – obrigatória ou optativa – relacionada às lutas, resultando em certo distanciamento do professor de Educação Física do universo cultural das artes marciais em geral (GONÇALVES JUNIOR; DRIGO, 2001, p. 116).

Por isso, o professor deve estar ciente que tudo que aprendemos durante a graduação funciona apenas como base para nossa formação a atuação profissional. Cabe ao professor escolher em qual área deverá aprofundar seus estudos e preencher as lacunas dos conteúdos que não foram ensinados.

Ao contrário do que muitos acreditam o educador não precisa demonstrar ou executar o gesto técnico, e até mesmo cobrar esta execução dos alunos, para saber ensinar. Mas,

> [...] passados anos e anos da ditadura, as influências militaristas ainda deixam cicatrizes nas práticas pedagógicas de muitos professores de EF escolar, os quais privilegiam em aula uma concepção dualista, ressaltando o gesto perfeito e adestrando as ações dos alunos, visando a um movimento eficiente e mecanizado (FIORANTE; SIMÕES, 2005, p. 24).

Os alunos não estão presentes nas aulas para simplesmente repetir estes gestos. O ato da repetição é muito simples, não demanda nenhum raciocínio. Para isso basta gravarmos um vídeo, passarmos em sala e pedir para que os alunos repitam corretamente. Mas não é isto que buscamos. O papel da escola é outro. Educar é ensinar a pensar, ensinar a formar opiniões e incentivar à criatividade.

Para Boaventura (2003, p. 12) "(...) o profissional de qualidade, no caso o professor, deve buscar, por exemplo, uma ajuda especializada, mostrar filmes, reportagens, pesquisar sobre a história em sites e trabalhos acadêmicos, deixando assim de limitar o planejamento de suas aulas". A quantidade de recursos existentes fora dos limites da escola são grandes e devem ser aproveitados.

Munarim (2004) ao estudar a violência na programação infantil da TV e as brincadeiras das crianças, propõe a utilização do material existente na mídia como material para o professor utilizar de maneira crítica em sala:

> A mídia está presente em todas as situações cotidianas e pode ser utilizada como verdadeira ferramenta pedagógica na escola. Cabe as curso de Educação Física preparar o acadêmico para um discurso crítico com esta, levando posteriormente às escolas a discussão/problematização junto às crianças, fiéis e cada vez mais "consumidoras" dos meios de comunicação. (MUNARIM, 2004, p. 08)

O mais importante é que o professor tenha objetivos claros ao utilizar as lutas. Não podemos apenas trazer a realidade das artes marciais praticadas dentro das academias para a escola. Devemos

> [...] mostrar que existe no mundo das lutas uma outra concepção, que não se restringe a um conjunto de técnicas e táticas de atacar e defender, é mais que isto, compõe um lado artístico, essencial, que pode trazer muitos benefícios à humanidade quando bem orientado (ORTEGA, 1998, p. 03).

Assim como Kunz e suas considerações sobre o esporte na escola, temos que transformar as lutas de maneira didático-pedagógica para que possam ser

utilizadas no ambiente escolar. Dentro das academias o que ocorre é o fenômeno do alto rendimento, da busca pela vitória e treinos que visam melhorar o desempenho físico. A academia busca formar ótimos atletas, enquanto a escola deve almejar a formação humana. A conquista da faixa preta e realização de golpes e técnicas perfeitas são objetivos que não cabem ao ambiente escolar.

O professor deve estar ciente que muitos de seus alunos já praticaram ou praticam lutas fora da escola, principalmente os meninos, pela própria questão cultural de nosso país. Ou seja, muitos deles já trazem determinada bagagem e determinados hábitos adquiridos nas academias. O professor deverá saber como transformar essa maneira de pensar, ou reproduzir, que o aluno possui. O aluno deverá passar a ter um novo olhar diante daquilo que já fazia parte de seu mundo.

4 – IDÉIAS...

Quando o professor aceita trabalhar e utilizar conteúdos variados, como as lutas, inicia-se um novo problema. Em um primeiro momento, esta tarefa não será muito tranqüila. Como e de que maneira ele irá trabalhar esse conteúdo se o seu conhecimento sobre ele em algumas vezes não é vasto?

O professor, muito mais do que qualquer outro profissional, não deve parar de estudar nunca. Sua atualização deve ser constante. Participar de cursos, grupo de estudos, ler publicações mais recentes são atitudes que ajudam a caminhar na mesma velocidade com que o mundo muda. Quando não dominamos um determinado assunto, devemos estudá-lo antes de passarmos aos alunos. A velocidade com que as informações chegam até as crianças hoje é muito rápida. Em alguns casos são elas que acabam ensinando o professor, e isto na maioria das vezes é muito saudável, pois o professor ensina e aprende com os alunos mutuamente. Essa troca na sala de aula é muito enriquecedora.

Com o objetivo de auxiliar os primeiros passos, tento apresentar de maneira muito breve algumas atividades que ajudarão os alunos a vivenciarem as lutas e abrirá caminhos para o trabalho dos professores.

Através das lutas os alunos conseguirão aprender os princípios básicos que estão presentes em grande parte das lutas, como o deslocamento, o desequilíbrio, o contato corporal, a estratégia, a defesa, o ataque, o equilíbrio, a concentração e também o respeito ao próximo.

Ressaltamos que estes são apenas alguns exemplos de como um professor poderá utilizar as lutas em suas aulas, e não apenas uma receita pronta. Tentamos dar apenas alguns instrumentos para nortearem seu trabalho. Passar todas estas atividades abaixo não implicará no ensino do conteúdo lutas, pois como já foi dito anteriormente, ele deve estar contextualizado e dentro de um planejamento de aula.

- **Pisar na bexiga:** Cada aluno amarra um barbante no tornozelo com uma bexiga cheia na outra ponta. O objetivo é estourar a bexiga do outro (com o pé) sem deixar que estourem a sua.
- **Colocar a mão nos ombros:** Com os alunos em dupla, o objetivo desta brincadeira é tentar tocar com as duas mãos os ombros do colega antes que ele toque os seus.
- **Colocar as costas no chão:** Em duplas, sentados um de frente para o outro, cada um deverá fazer com que o colega encoste as costas no chão.
- **Luta de braço:** O conhecido “braço de ferro”.
- **Tentar imobilizar:** Um aluno deve permanecer deitado com as costas no chão e o colega deverá fazer com que ele não consiga se levantar, ou seja, inibir seus movimentos imobilizando-o de alguma maneira.
- **Tirar o colega do círculo:** Dois alunos devem ficar em pé, dentro de um círculo feito no chão, um de frente para o outro. O objetivo é fazer com que o colega coloque os dois pés para fora do círculo.
- **Cuidado com o colega ao lado:** Todos os alunos deverão formar um círculo e sentar no chão, todos virados de costas para o centro. Cada aluno terá um objeto em seu colo. Quando o professor der o sinal, cada um tentará pegar o objeto que está no colo da pessoa à sua direita e ao mesmo tempo defender o seu objeto para que ninguém roube.
- **Desequilibrar:** Em duplas, os alunos deverão ficar em pé e tentar desequilibrar o outro.
- **Correr para as costas:** Em duplas, sentados no chão, um aluno deverá tentar correr para as costas de seu colega, e ele por sua vez deverá impedir.
- **Ocupando os espaços:** Um aluno deverá ficar parado em uma determinada posição e o outro deverá tentar preencher os espaços que restaram com seu próprio corpo. Esta atividade também pode ser realizada em um só grupo

Esses são alguns pequenos exemplos de atividades que o professor de EF poderá propor a seus alunos. Além, podemos criar inúmeras outras. Note que em

nenhum momento citei uma Arte Marcial específica ou mesmo algum golpe ou técnica que deva ser utilizado. A maneira como os alunos resolverão os desafios propostos terá que partir deles e através da ajuda dos outros. O objetivo principal é o conhecimento do conteúdo lutas e não de modalidades específicas, como Karatê, Judô, Sumo etc.

Em um primeiro momento podemos nos perguntar se realmente essas atividades possuem alguma relação com as lutas. Mas se as analisarmos de maneira mais profunda, faremos inúmeras relações. Como exemplo, podemos utilizar a atividade de “pisar na bexiga”. Ao mesmo tempo em que o aluno deve estar preocupado em estourar a bexiga dos seus colegas, ele deve se preocupar em não deixar que estoure a sua, ou seja, defender sua bexiga e ao mesmo tempo atacar a dos outros. Com isso, podemos notar claramente o princípio de ataque e defesa existente nas lutas. Quando lutamos, não estamos sozinhos, e por isso precisamos nos atentar para as ações realizadas pelo adversário, ponderando assim nossas ações.

O mais importante para criarmos atividades como estas, é prestarmos muita atenção nos princípios comuns de algumas lutas e tentar desenvolvê-los através de brincadeiras. Quem olhar a brincadeira de fora, talvez diga que os alunos estejam lutando Jiu-jitsu, mas quem estiver realizando a aula apenas terá a sensação de estar realizando uma atividade nova ou diferente, chamada, por exemplo, de “tentar imobilizar”, muito característica desta arte marcial e também do Judô. O interessante é que o aluno será capaz de fazer tudo isso sem ensinarmos técnicas específicas ou as regras que envolvem as lutas. Ele terá que resolver cada problema proposto de sua maneira e através de estratégias pessoais.

Além disso, como já citado anteriormente neste estudo, o professor poderá trabalhar com inúmeros recursos, como materiais diferentes, tatame, vídeos, revistas, notícias, contar com a ajuda de outros profissionais etc. Podemos pensar na utilização de materiais alternativos, afinal os convencionais são muito mais caros. O importante é não privar os alunos desta rica produção da cultura corporal. Contudo,

> Não adianta o professor diversificar os conteúdos se estes são tratados de maneira superficial, tradicional ou já superada. O aprofundamento (contextualização, vivências, reflexões, produções, pesquisas...) do

> conhecimento, mesmo que seja em apenas um conteúdo, pode fazer com que os alunos entendam melhor a cultura corporal, podendo realizar conexões com os outros conteúdos da Educação Física (IÓRIO; DARIDO, 2005, p. 140).

Um educador não pode simplesmente jogar determinado conteúdo para seus alunos sem que este esteja inserido no planejamento e objetivos de suas aulas. Ensinar as lutas, sem que haja nenhum planejamento, é o mesmo que dar aulas de “rola bola”, ou seja, transformar as aulas de EF em momentos livres como ocorre no intervalo entre as aulas.

5 - DISCUSSÕES

Este estudo sobre a legitimidade das lutas como conteúdo e conhecimento da EF escolar nos traz várias discussões acerca deste assunto. Durante a leitura do segundo tópico do capítulo II, notamos como ainda é grande o preconceito relacionado às lutas. Alguns educadores não as utilizam, pois as relacionam com a violência e acreditam que contribuem para a exacerbação da agressividade nos alunos. E não são somente os educadores que acabam pensando desta forma. Muitos pais de alunos os questionam quando percebem que seus filhos estão tendo lutas durante as aulas.

Como forma de fugir deste “problema” e de críticas sobre seu trabalho, os professores preferem repetir sempre as mesmas aulas, pois se sentem confortáveis com tal situação. A mudança e a novidade trazem certo desconforto para aqueles que já realizam um determinado tipo de trabalho há algum tempo. Mudar exige do professor uma nova postura e o medo de errar limita algumas ações dos educadores. Mas introduzir as lutas dentro das aulas de EF, de maneira pedagógica como cito neste estudo, irá trazer somente benefícios para os alunos e também ao próprio professor.

O professor de EF deve saber enxergar o potencial educacional que diversos conteúdos podem apresentar dentro de suas aulas. Muitos profissionais não tão bem qualificados ainda as consideram um espaço para o aluno exercitar apenas o corpo e aprender a jogar de acordo com as regras e as técnicas previstas em cada esporte, além da ênfase dada às competições. Não são todos os professores que realmente conseguem colocar outros objetivos e metas, que não sejam os citados acima, em suas aulas, ou simplesmente que dedicam tempo para o preparo dos conteúdos que serão utilizados. É inaceitável que um professor não dedique parte de seu tempo no preparo de suas aulas. Falta criatividade, incentivo e vontade de mudar essa realidade da EF brasileira. Geralmente os profissionais se desdobram em dois

ou mais empregos e o tempo livre que possuem, precisam compensar o desgaste físico e mental para continuarem dentro deste ritmo extenuante, não sobrando tempo para o preparo das aulas.

Para ensinar as lutas na aula de EF, o professor pode contar com inúmeros recursos como pesquisas na Internet, através dos sites das Federações e Confederações de diferentes lutas, artigos e livros publicados também nos trazem inúmeras informações. Assistir a vídeos e também passá-los aos alunos. Jogos de vídeo-game, desenhos animados, revistas e gibis são ótimos, pois fazem parte do universo da criança. Não devemos abordar somente os aspectos teóricos, mas também os práticos, que por sua natureza mais dinâmica, acabam retendo mais a atenção. O professor também pode contar com a ajuda de outros professores especializados em determinadas lutas no momento de montar as aulas. Ele pode assistir a algumas aulas em academias ou em outras escolas e até mesmo convidar um profissional para ir até a escola em que atua.

As lutas, assim como qualquer outro conteúdo, também estão atreladas ao contexto esportivo, muito marcante em nossa sociedade. A competição, a ênfase na vitória, o sentimento negativo que envolve a derrota e a exclusão do mais fraco e do menos habilidoso, também estão presentes nas lutas inseridas quando relacionadas a este contexto. Mas será este tipo de contexto que devemos trabalhar nas aulas? A resposta a esta questão com certeza é negativa. Qualquer conteúdo, seja ele qual for, poderá ser pensado a partir de perspectivas pedagógicas ou não. As lutas vistas de maneira tecnicista constituem um universo completamente distinto da visão que as relacionam a conceitos filosóficos, sociais, artísticos e históricos.

As lutas são resultado da cultura corporal. O movimento humano é produzido culturalmente e possui significados. Ao ensinar somente movimentos técnicos nas aulas de EF o professor estará privando o aluno de vivenciar os gestos em toda sua magnitude. Ele simplesmente estará executando movimentos de maneira mecânica e repetitiva, sem entender o por quê do se movimentar. Não é este tipo de aluno que a EF atual quer criar. Ela quer um aluno, ou melhor, um ser humano que entenda e aprecie os movimentos do seu corpo, que saiba criar e se comunicar através dele.

A EF quer, acima de tudo, uma escola que a valorize como disciplina do currículo escolar e não a enxergue apenas como recreação e passatempo. Mas tudo isso exige muito esforço e dedicação do professor, que também deve gostar muito do que faz.

6 – CONCLUSÕES

Os caminhos percorridos pela EF escolar até chegar aos dias de hoje foram longos. Já utilizada como forma de manipulação e como preparação da mão-de-obra, hoje tem como uma de suas responsabilidades, humanizar o aluno. A preocupação com o ser humano em sua totalidade ultrapassa os componentes orgânicos do corpo. As emoções e os sentimentos estão se tornando alvo da atenção dos educadores. O aluno deve vivenciar as mais variadas possibilidades de movimento e aprender a falar a partir de seu corpo. Os gestos devem traduzir sentimentos e opiniões, ou seja, serem repletos de significados.

As lutas, assim como todos os demais conteúdos propostos por diversos autores citados neste trabalho, são apenas uma das diferentes possibilidades dentro das aulas de EF. Temos inúmeras outras, como a dança, o circo, os jogos etc. Mas os seus benefícios somente serão tangíveis caso o professor esteja preparado para utilizá-las.

As lutas podem trazer mudanças, tanto positivas quanto negativas para o indivíduo, tudo depende do contexto e de como são trabalhadas. Se o contexto for agressivo, logicamente haverá uma exacerbação da violência, ou seja, as lutas estarão vinculadas às brigas. Mas se o contexto for o pedagógico, elas ajudarão os alunos a respeitarem-se, conhecerem o próprio corpo e as suas possibilidades de movimento, estimular o autocontrole, aumentar a auto-estima, controlar as emoções etc.

O mesmo pode acontecer com os demais conteúdos, como por exemplo, o esporte. Ele também pode trazer a violência para as aulas se o contexto trabalhado não for pensado e definido pelo professor. Quem é que nunca assistiu a uma briga de torcida em um campo de futebol? Ou quem nunca viu os próprios jogadores se agredindo física e verbalmente? Simples brigas ou discussões entre os próprios jogadores podem tomar uma dimensão muito maior quando esta rivalidade atinge as torcidas. Por outro lado, são vários as atitudes de solidariedade entre jogadores de times adversários. Estes são apenas exemplos de como a violência não

está relacionada diretamente e somente às lutas, mas sim ao contexto em que qualquer conteúdo se apresente.

As lutas não devem ser somente pensadas como técnicas eficientes de ataque e defesa. São muito mais que isso. Elas são parte da manifestação da cultura corporal e trazem consigo uma abrangente bagagem histórica. Cada gesto possui significados e não existe isoladamente. O berimbau não existe sem a Capoeira, que por sua vez não existiu sem a escravidão, que não existiu sem o processo de colonização etc.

Os professores são responsáveis por mostrar a importância da EF na formação dos alunos, ou melhor, do seres humanos. Temos que saber provar qual a real necessidade de nosso trabalho dentro da escola. Infelizmente não há uma cobrança, assim como nas demais disciplinas, dos diferentes conteúdos ensinados nas aulas de EF pelos professores das séries seguintes. Não importa se um aluno chega ao final do ensino fundamental sem ter vivenciado as lutas, a dança, o circo etc. O professor da série anterior dificilmente será cobrado por não ter ensinado determinado conteúdo a seus alunos, diferentemente da matemática, por exemplo.

Um aluno que não tenha aprendido as quatro operações não passará de ano, pois na série seguinte não conseguirá aprender a resolver uma equação. Por isso, a EF acaba perdendo um pouco sua seriedade enquanto disciplina escolar. Uma prova de como ela vem se tornando desnecessária, é sua a terceirização dentro de escolas de Ensino Médio, onde os alunos ao invés de participarem das aulas de EF, acabam freqüentando academias, como se o professor de EF fosse totalmente dispensável. Eu mesma vivi este tipo de experiência quando cursei o Ensino Médio. Precisei somente apresentar um atestado que comprovasse minha freqüência em uma academia, para que eu fosse dispensada das aulas de EF. Afinal qual era a sua importância dentro dos conhecimentos cobrados para o vestibular? A escola alegava que não tínhamos tempo a perder com disciplinas não tão importantes...

É normal o aluno simplesmente decidir por não participar da aula e ficar sentado ao lado da quadra, ou qualquer outro espaço, e o professor achar que é uma opção aceitável. Alguns deles não conseguem refletir a razão desta atitude do aluno e pensar em transformar suas aulas para torná-los motivados ou simplesmente

aprender muito com o que eles têm a dizer. Mas por que isso não acontece nas demais disciplinas? Por que o aluno não pode optar por não aprender as capitais dos estados brasileiros? Percebemos que a própria escola e os demais professores não conseguem enxergar a importância da EF escolar, ou até mesmo os próprios professores da área não conseguem fazer com que suas aulas sejam realmente relevantes para o desenvolvimento de seus alunos. Isto ocorre, pois "o papel da corporeidade na aprendizagem foi historicamente subestimado, negligenciado. Hoje é interessante perceber um movimento no sentido de recuperar a 'dignidade' do corpo ou do corpóreo no que diz respeito aos processos de aprendizagem" (BRACHT, 1999, p. 71).

Todos os profissionais devem manter-se atualizados dentro da sua área e o educador não foge a esta regra. O professor é, acima de tudo, um eterno aluno e deve buscar novos conhecimentos e novas perspectivas que surgem o tempo todo dentro da pedagogia. Ele deve pensar além da escola em que atua e dos alunos com quem convive, para começar a olhar o trabalho de outros professores em diferentes lugares e trazer tudo o que enxerga de positivo para a sua aula. Falta um pouco de criatividade, imaginação e vontade de fazer diferente ou fazer a diferença. O educador deve fazer o aluno sentir a necessidade de tê-lo como professor. Mas para isso o comodismo deve ser deixado de lado. É muito fácil justificar que todos os anos os mesmos conteúdos são ensinados, pois são os alunos que exigem. Pensar e planejar as aulas levando em consideração os alunos é uma atitude de respeito do professor diante da escola. Realizar uma auto-avaliação, refletir sobre sua maneira de educar e ponderar os resultados obtidos a cada aula, são atitudes fundamentais para um ensino de qualidade.

As lutas são um conteúdo legítimo da Educação Física e podem ser trabalhadas a partir das mais variadas e criativas maneiras. Inúmeros autores as citam e defendem sua utilização. O ensino de uma determinada luta, ou de apenas um determinado gesto, é muito pouco, perto dos inúmeros benefícios que as lutas podem trazer para o aluno. Este é um grande universo que se encaixa perfeitamente às aulas de Educação Física. É recompensador perceber que alguns professores já se preocupam com todas estas questões, e que talvez, ao lerem este trabalho se

sintam um pouco incomodados e comecem a refletir sobre sua própria prática. Espero que este tenha sido um pontapé inicial...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES JUNIOR, E. de D. ***Discutindo a violência nos esportes de luta:*** *a responsabilidade do professor de educação física na busca de novos significados para o uso das lutas como conteúdo pedagógico.* Uso do passado – XII Encontro Regional de História ANPUH–RJ, 2006. Disponível em: <www.rj.anpuh.org/Anais/2006/conferencias>. Acesso em: 21 outubro 2008.

BETTI, I.C.R. Esporte na escola: mas é só isso professor? ***Motriz*****,** v.1,n.1, p.25-31,1999. Disponível em: <www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/01n1/4_Irene_form.pdf>. Acesso em: 10 novembro 2008.

_____. ***O prazer em aulas de Educação Física Escolar:*** *a perspectiva discente.* Campinas: FEF-UNICAMP, 1992. Dissertação (Mestrado em Educação Física Escolar).

BETTI, M.; RANGEL-BETTI, I. C. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. ***Motriz,*** Rio Claro, v.2, n.1, p.10-15, 1996. Disponível em: <www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/02n1/V2n1_ART02.pdf>. Acesso em: 12 outubro 2008.

BOAVENTURA, E. ***As artes marciais e as lutas na educação física escolar:*** *visão dos professores e perspectivas dos alunos.* Trabalho de conclusão de curso (graduação) em licenciatura em Educação Física. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Rio Claro, 2003.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. ***Cad. CEDES***, Campinas, v.19, n.48, 1999. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a05.pdf>. Acesso em: 22 agosto 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. ***Parâmetros curriculares nacionais:*** Apresentação dos Temas Transversais e Ética / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, v. 8, 1997(a). Disponível em: <portal.mec.gov.br>. Acesso em: 22 agosto 2008.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. ***Parâmetros curriculares nacionais:*** Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, v.7, 1997(b). Disponível em: <portal.mec.gov.br>. Acesso em: 24 setembro 2008.

BROUSSE, M.; VILLAMÓN, M.; MOLINA, J. P. El judo en el contexto escolar In: VILLAMÓN, M. ***Introducción al Judo***. Editorial Hispano Europea, S.A.: Barcelona, 1999.

CARRATALÁ, V.; CARRATALÁ, E. El judo y la socialización deportiva In: VILLAMÓN, M. ***Introducción al Judo***. Editorial Hispano Europea, S.A.: Barcelona, 1999.

COLETIVO DE AUTORES. ***Metodologia do Ensino de Educação Física***. 10 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

CONFEF - Conselho Federal de Educação Física. ***Resolução nº 046/2002***. Disponível em: <www.confef.org.br/extra/resolucoes>. Acesso em: 17 novembro 2008.

CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação. ***Lutas aplicadas a Educação Física escolar***. 2006.

DAOLIO, J. Educação física escolar: em busca da pluralidade. ***Revista Paulista de Educação Física***, São Paulo, p.40-42, 1996.
Disponível em:
<www.usp.br/eef/rpef/supl2/supln2p40.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2008.

_____. ***Educação Física e o Conceito de Cultura.*** Campinas: Autores Associados, 2004. 77 p.

ESPARTERO, J. Aproximación histórico-conceptual a los deportes de lucha In: VILLAMÓN, M. ***Introducción al Judo***. Editorial Hispano Europea, S.A.: Barcelona, 1999.

FIORANTE, F. B.; SIMÕES, R. M. R. (Re) lendo a prática pedagógica dos professores de Educação Física. ***Arquivos em Movimento***, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 19-28, jul./dez. 2005. Disponível em: <www.boletimef.org>. Acesso em: 15 agosto 2008.

FREIRE, J. B. ***Educação de Corpo Inteiro:*** *Teoria e Prática da Educação Física.* 4ª Edição São Paulo: Scipione, 1997. 223 p.

GOMES, Mariana S. P. ***Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas:*** *contextos e possibilidades.* 2008. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

GONÇALVES JUNIOR, L.; DRIGO, A. J. A já regulamentada profissão de Educação Física e as Artes Marciais. ***Revista Motriz (UNESP)***, Rio Claro, v. 7, n. 2, p. 131-132, 2001.

HUANG, A. C.; LINCH, J. **O *Tao do esporte***. Best Selles, São Paulo, 1993.

IÓRIO, L. S.; DARIDO, S. C. Educação física, capoeira e educação física escolar: possíveis relações. ***Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte***, São Paulo, n. 04 , p.137-143, 2005.
Disponível em: <www4.mackenzie.com.br/vol4_num4_2005.html>. Acesso em: 15 agosto 2008.

KUNZ, E. ***Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*.** 5ª Edição Ijuí: Unijuí, 2003. 160 p.

LAGE, V.; GONÇALVES JUNIOR, L.; NAGAMINE, K. K. O karatê-do enquanto conteúdo da Educação Física escolar. In: Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: o lazer em uma perspectiva latino-americana, 3., 2007, São Carlos. O lazer em uma perspectiva latino-americana, 2007, São Carlos. ***Anais...*** São Carlos: SPQMH/UFSCar, 2007, p. 116 – 133.
Disponível em: <www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/2007/3coloq_karate.pdf>.
Acesso em: 15 agosto 2008.

LOURENÇO, E.; SILVA, F.; TEIXEIRA, S. ***O Ensino de Lutas na Educação Física:*** construindo estruturantes e mudando sentidos. Disponível em: <www.fundacaohantipoff.mg.gov.br>. Acesso em: 17 novembro 2008.

MENDES, T. H. ***Escola de tempo integral e Educação Física:*** *reflexões acerca das contradições.* 69 f. 1 v. Tese de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

MUNARIM, Iracema. ***A violência na programação infantil da TV e as brincadeiras das crianças***. Monografia (graduação em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

NAKAMOTO, H. O. ***Luta:*** *Elementos para uma Compreensão Sistêmica.* 2005. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ORTEGA, E. M. ***As lutas e suas relações com a Educação Física escolar.*** 1 v. Tese de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

PUCINELLI, F. A. ***Sobre Luta, Arte Marcial e Esporte de Combate:*** *Diálogos.* 2004. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

RAMALHO, P. Luta, sinônimo de paz. In: ***Nova Escola***, Belo Horizonte, Ed. 155, set. 2002.
Disponível em:<www.novaescola.abril.uol.com.br>. Acesso em: 19 agosto 2008.

SÃO LUIS. Secretaria Municipal de Educação. ***Proposta curricular de Educação Física.*** 2006.

SOARES, C. L. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. ***Revista Paulista de Educação Física****,* São Paulo, supl.2, p. 6-12, 1996.

_____. ***Educação Física:*** *Raízes européias e Brasil*. 3ª Campinas: Autores Associados, 2004. 143 p.

SOARES, P. R. C. ***Educação Física Escolar e Artes Marciais:*** *Um estudo sobre o Karatê.* 69 f. Tese de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K*.. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física.*** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VIVIANI, L. H. S. N.; SCHWARTZ, G. M. Comportamento agressivo, violência e vídeo game. ***Revista Digital***, Buenos Aires. Ano 10, n. 80, 2005. Disponível em: <www.efdeportes.com>. Acesso em: 29 novembro 2008.

Endereços eletrônicos:

http://www.capoeiradobrasil.com.br/. Acesso em: 28/10/2008.